



Disciplina: IEB5044

Título: O Antropoceno – abordagens transdisciplinares

Responsáveis: Prof. Dr. Stelio Marras e Dra. Karen Shiratori

Nº de créditos: 8

Duração: 12 semanas

Professores convidados: Eduardo Neves (MAE/USP), Joana Cabral de Oliveira (Departamento de Antropologia/Unicamp), Pedro Paulo Pimenta (Departamento de Filosofia/USP), Renato Sztutman (Departamento de Antropologia/USP), Renzo Taddei (Instituto do Mar & Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/Unifesp), Rita Natálio (Instituto de História de Arte/NOVA Lisboa)

Trabalho final:

Formular, com base nas discussões e leituras do curso, propostas de intervenção ou resposta às forçantes do Antropoceno. Diante das problemáticas, quais as possíveis solucionáticas?

Critérios de avaliação:

Trabalho final

Content

A partir das ciências humanas e da filosofia, embora sem nelas se bastar, o curso pretende aproximar-se do tema do Antropoceno (proposição de uma nova época geológica marcada pelos impactos em escala e velocidade de certas ações antrópicas na auto-regulação do planeta). Encarar a fusão entre modalidades de saber tradicionalmente separadas em “ciências do espírito” e “ciências da matéria” parece ser passagem obrigatória para abordagens as mais realistas do tema. Como acontecimento e objeto de estudo, o Antropoceno põe em causa, de modo inédito, as abordagens estritamente disciplinares. Considerá-lo exige afrontar qualquer exclusivismo pretendido por áreas ou domínios do conhecimento. Consequentemente, tal programa de investigação deve desconfiar, logo de partida, da autonomia ou suposta suficiência dos dois grandes repertórios epistemológicos e críticos da modernidade, ambos derivados das “duas culturas” (C. P. Snow), e que hoje podemos identificar como, de um lado, o “humanismo multicultural”, e, de outro, o “mononaturalismo”. Nesse sentido, é como se, por exemplo, não fizesse mais sentido separar a agenda dos Direitos Humanos da agenda dos Direitos Ambientais. Um tal emaranhado, devidamente explorado, tem impactos significativos nas bases epistemológicas da *modernidade* (conforme definição de Bruno Latour). Em seu lugar, outras visadas pedem passagem. Contra as infecundas Guerras das Ciências (*Science Wars*), ganham força as reviravoltas ontológicas (*Ontological Turn*) e outras viradas que permanecem ainda sem um nome.



Dentre os chamados inelutáveis do Antropoceno, destaque-se, em outras palavras, a urgência por conexões – ou sobretudo outras conexões – entre áreas ou domínios tradicionalmente divisados pela modernidade. Que pode agora, por exemplo, a economia sem a ecologia? Daí a pertinência, a cada vez crescente, de frentes forçosamente transdisciplinares, como a Bioeconomia e a Economia Ecológica. Entram em cena, nos termos de Isabelle Stengers, os *contraintes* (constrangimentos) de Gaia, essa figuração do planeta agora restaurada, sob mil nomes, no século XXI. Tais constrangimentos, terríveis ou promissores, fazem emergir narrativas etnograficamente orientadas que reavivam as descrições, como a que se convencionou designar por *estudos multiespécies*. O curso deve se aproximar da usina dessas novas imaginações teóricas que encaram o Antropoceno como uma espécie de forçante do pensamento contemporâneo. Torna-se assim inevitável, por exemplo, refletir sobre a assunção de novas figurações do “Anthropos” e suas ciências quando agora, no Antropoceno, humano e não-humano já não se deixam mais tomar como simplesmente descontínuos entre si, em seus supostos contornos auto-evidentes. Tal corresponde a perguntar: qual ciência do propriamente humano no Antropoceno? Qual a do propriamente não-humano? Abre-se assim uma passagem, ainda que exígua, na qual se vislumbra o horizonte do além do homem? O evidente se desconcerta diante de novas e profusas evidências. Mas são estas o signo de qual ordem? Como forjar um discurso capaz de articulá-las e sem moldá-las a expectativas prévias e restritivas?

Viradas, reviravoltas, torções nos hábitos de pensamento – eis aí as chances que os modernos passam a reunir para que, finalmente (ou diante da escatologia contemporânea de “fim do mundo”), possam se tomar como jamais tendo sido modernos. De fato, algum dia a teoria da evolução e a geologia ofereceram as reconfortantes perspectivas que se esperavam delas? Não é chegado o tempo de explorar as sendas desses discursos, prospectando neles não bem uma ideia de natureza, mas potencialidades inauditas acerca do vivente? Que política do conceito se extrairia daí? Certamente, para falamos com Rancière, uma nova e inesperada “partilha do sensível”.

Quando o cosmos e a política se mostram tão embaraçados e inextricáveis entre si, novas diplomacias se insinuam como possíveis. É trabalho de desestabilização do pensamento e da prática rumo a novas estabilizações provisórias, hauridas em vivas controvérsias sociotécnicas e disputas por narrativas, mas não por isso menos objetivas. Bem ao contrário, estamos face à eleição de uma neo-objetividade, um neo-realismo emergindo da abertura das ciências umas em relação às outras – e mesmo em relação ao que, por contraste, se designará por “não-científico”.

De sua parte, a arqueologia, a geologia e a biologia combinam métodos de prospecção e sondagem que almejam alcançar consenso ou estabilidade na comunidade acadêmica com relação ao conjunto de marcadores ou assinaturas geoquímicas de tecnofósseis que tornem mais precisa e suficiente a datação da nova época geológica do Antropoceno. É o que neste momento se passa com os trabalhos da Comissão Internacional de Estratigrafia, organismo da União Internacional de Ciências Geológicas. Quanto à política, sua agência se redistribui e ganha figurações não-humanas diante da já explícita invasão do cosmos em seu seio. A natureza passa a inspirar a política de um



modo nunca antes concebido pelo ocidente moderno. As ciências e a política são agora convocadas a se colocar em presença daquilo que geram ou mobilizam no mundo. São chamadas a responder com responsabilidade (“*response-abilities*”, para mencionar o neologismo de que Donna Haraway se vale) pelos imbrólios a um só tempo humanos e não-humanos que se pode flagrar nos cursos da ação. Doravante, os modernos estarão diante do imperativo de se desenvolver uma atenção às consequências de suas ações no mundo. Eis o que Stengers (2013) nomeia como “arte das consequências” – desafio certamente incontornável nas passagens diplomáticas do “povo da mercadoria” (Davi Kopenawa) para o “povo de Gaia” (Latour). Pergunta retórica: serão estas passagens uma opção?

Justificativa:

Encarar a fusão entre modalidades de saber tradicionalmente separadas em “ciências do espírito” e “ciências da matéria” parece ser passagem obrigatória para abordagens as mais realistas do tema. Como acontecimento e objeto de estudo, o Antropoceno põe em causa, de modo inédito, as abordagens estritamente disciplinares. Considerá-lo exige afrontar qualquer exclusivismo pretendido por áreas ou domínios do conhecimento. Consequentemente, tal programa de investigação deve desconfiar, logo de partida, da autonomia ou suposta suficiência dos dois grandes repertórios epistemológicos e críticos da modernidade, ambos derivados das “duas culturas” (C. P. Snow), e que hoje podemos identificar como, de um lado, o “humanismo multicultural”, e, de outro, o “mononaturalismo”. Nesse sentido, é como se, por exemplo, não fizesse mais sentido separar a agenda dos Direitos Humanos da agenda dos Direitos Ambientais. Um tal emaranhado, devidamente explorado, tem impactos significativos nas bases epistemológicas da modernidade (conforme definição de Bruno Latour). Em seu lugar, outras visadas pedem passagem. Contra as infecundas Guerras das Ciências (Science Wars), ganham força as reviravoltas ontológicas (Ontological Turn) e outras viradas que permanecem ainda sem um nome.

Bibliografia

- Bispo dos Santos, Antonio. *Colonização, quilombos: modos e significações*. Brasília: Ed. Ayó, 2019.
- Canguilhem, Georges “O ser vivo e seu meio”, in: *O conhecimento da vida*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- Carneiro da Cunha, Manuela. “Antidomestication in the Amazon: Swidden and its foes”. *HAU: Journal of Ethnographic Theory* 9 (1): 126–136; 2019.
- Catálogo da conferência-dança «Antropocenas» (2017), de João dos Santos Martins e Rita Natálio
- Chakrabarty, Dipesh. “The Climate of History: Four Theses”. *Critical inquiry* 35.2: 197-222; 2009.
- Clastres, Pierre. *A sociedade contra o Estado: pesquisas de antropologia política*. São Paulo: Ed. Ubu, 2017.



- Crutzen, P. J. "Geology of Mankind". *Nature* 415, 2002.
- Crutzen, P. J. and E. F. Stoermer. "The Anthropocene". *Global Change Newsletter* 41, 17-18, 2000.
- Cuvier, G. Memória sobre as espécies de elefantes fósseis. In: Evaldo Becker. (Org.). Técnica, Natureza e Ética Socioambiental. 1ed. Aracaju: República do Livro/Diálogo Editorial, 2019, v. 1, p. 189-218.
- Danowski, Déborah & Viveiros de Castro, Eduardo. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2014. (p. 85-160)
- Danowski, Déborah. *Negacionismos*. São Paulo: N-1, 2019.
- Darwin, C. A origem das espécies. São Paulo: Ubu, 2018.
- Davis, H.; Turpin, E. (org) (2015). *Art in the Anthropocene - Encounters among aesthetics, Politics, Environments and Epistemologies*, Open Humanities Press.
- Delaporte, François A doença de Chagas. História de uma calamidade continental. Ribeirão Preto: Holos, 2003. (cap. 1)
- Demos, T. J. (2016) *Decolonizing Nature - Contemporary Art and the Politics of Ecology*, Berlim: Sternberg Press.
- Glowczewski, Barbara & et Laurens, Christophe. "Le conflit des existences à l'épreuve du climat, ou l'Anthropocène revu par ceux que l'on préfère mettre à la rue ou au musée". In: Beau, R. & Larrère, C. (eds.) *Penser l'Anthropocène*. Paris: Science Po Les Presses, 2018.
- Hache, Émilie. "Tremblez, tremblez, les sorcières sont de retour! Écrivaines, philosophes, activistes et sorcières écoféministes face au dérèglement climatique". In: Beau, R. & Larrère, C. (eds.) *Penser l'Anthropocène*. Paris: Science Po Les Presses, 2018.
- Hage, Ghassam. *Is Racism an environmental threat?* Cambridge: Polity Press, 2017.
- Haraway, Donna. *Staying With the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Durham: Duke University Press, 2016
- Ingold, Tim. « Par delà biologie et culture. Le sens de l'évolution dans un monde relationnel », in : *Marcher avec les dragons*, Paris : Zones Sensibles, 2013.
- Jacob, François. A lógica da vida. Uma história da hereditariedade, Rio de Janeiro: Graal, 1983. (cap. 3).
- Kilomba, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Ed. Cobogó, 2019.
- Kolbert, Elizabeth. A sexta extinção. Uma história não-natural. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.
- Kopenawa, Davi & Albert, Bruce. *A Queda do Céu: Palavras de um Xamã Yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015
- Krenak, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. (+ Posfácio de Viveiros de Castro à edição francesa).
- Larsen, Clark et al. "Bioarchaeology of Neolithic Çatalhöyük reveals fundamental transitions in health, mobility, and lifestyle in early farmers". *Proceedings of the National Academy of Sciences* 116 (26) 12615-12623; 2019.
- Latour, Bruno. *Face à Gaïa. Huit conférences sur le nouveau régime climatique*. Paris, La Découverte, 2015. (Introdução, Primeira, Quarta e Sexta conferências). [tradução em



- português: Ed. Ubu, 2020]
- Latour, Bruno. *Où atterrir — comment s'orienter en politique*. Paris, La Découverte, 2017.
[tradução em português: Ed. Bazar do Tempo, 2020]
- Malthus, T. An essay on population, Londres: 1798. (Cap. 1)
- Marenko, Betti. Algorithm Magic: Simondon and Techno-animism. In: Natale, Simone & Pasulka, Diana (eds.). *Believing in Bits: Digital Media and the Supernatural*. Oxford University Press, 2019.
- Mbembe, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: N-1, 2018.
- Mirzoeff, N. (2014). "Visualising the Anthropocene". *Public Culture* 26:2: Duke University Press.
- Povinelli, Elizabeth. *Geontologies: a requiem to late liberalism*. Durham: Duke Press, 2016. (Caps. 1, 2, 3 e 7)
- Rancière, Jacques. O inconsciente estético. São Paulo: Editora 34, 2008. (Cap. 2)
- Scott, James. *The art of not being ruled: an anarchist history of upland southeast Asia*. New Haven: Yale University Press, 2009.
- Scott, James C. *Against the Grain: A Deep History of the Earliest States*, Yale University Press, 2017
- Stengers, Isabelle. "Penser à partir du ravage écologique". In: Hache, É. (ed.) *De l'univers clos au monde infini*. Paris, Éditions Déhors, 2014.
- Stengers, Isabelle. "The challenge of ontological politics". In: De la Cadena, M. & Blaser, M. (eds.) *A world of many worlds*. Durham: Duke University Press, 2018.
- Stengers, Isabelle. *Résister au désastre: dialogue avec Marin Schaffner*. Paris: Wildproject. (+ Posfácio de Émilie Hache).
- Tsing, Anna. "Margens indomáveis". *PISEAGRAMA*, Belo Horizonte, número 12, página 02 - 11, 2018.
- Tsing, Anna. *The Mushroom at the End of the World: On the Possibility of Life in Capitalist Ruins*. Princeton, Princeton University Press, 2015
- Van Dooren, T; Kirksey, E.; Münster, U. "Estudos multiespécies: cultivando artes de atentividade". *Incerteza*, ano 3, n.7
- Zalasiewicz, Jan, et al. "The Working Group on the Anthropocene: Summary of evidence and interim recommendations". *Anthropocene* 19: 55-60, 2017.



The Anthropocene - transdisciplinary approaches

Graduate Course - 2nd semester of 2021

Fridays, from 4 pm to 7 pm

Starting date: September 10, 2021

Coordinator: Professor Stelio Marras (IEB / USP)

Invited professors: Eduardo Neves (MAE / USP), Joana Cabral de Oliveira (Department of Anthropology / Unicamp), Pedro Paulo Pimenta (Department of Philosophy / USP), Renato Sztutman (Department of Anthropology / USP), Renzo Taddei (Instituto do Mar & Postgraduate Program in Social Sciences / Unifesp), Rita Natálio (Art History Institute / NOVA Lisboa)

Final work

Formulate, based on the discussions and readings of the course, proposals for intervention or response to the forces of the Anthropocene. Faced with the problems, what are the possible solutions?

Rating criteria

Final work

Course program

Based on human sciences and philosophy, although without being restricted to them, the course intends to approach the theme of the Anthropocene (proposition of a new geological era marked by the impacts in scale and speed of certain anthropic actions on the planet's self-regulation). Fusing modalities of knowledge traditionally separated into "sciences of the spirit" and "sciences of matter" seems to be a mandatory step towards more realistic approaches to the theme. As an event and object of study, the Anthropocene calls into question strictly disciplinary approaches unprecedentedly. Taking it into consideration requires refusing any exclusivity intended by areas or domains of knowledge. Consequently, such a research program must distrust, from the outset, the autonomy or supposed sufficiency of the two great epistemological and critical repertoires of modernity, both derived from the "two cultures" (C.P. Snow), and which today we can identify as, on the one hand, "multicultural humanism," and, on the other, "mononaturalism." In this sense, it is as if, for example, it no longer makes sense to separate the Human Rights agenda from the Environmental Rights agenda. Such a tangle, properly explored, has significant impacts on the epistemological bases of modernity (as defined by Bruno Latour). In its place, other perspectives request attention. Against the infertile Science Wars, the Ontological Turn and different non-named twists gain strength.

Among the unavoidable calls of the Anthropocene, we highlight, in other words, the urgency for connections - or above all *other* connections - between areas or domains traditionally divided by modernity. What can the economy do now, for example, without ecology? Hence the growing relevance of necessarily transdisciplinary fronts, such as Bioeconomics and Ecological Economics. Enter the scene, on the terms of Isabelle Stengers, the constraints of Gaia, this figuration of the planet now restored, under a thousand names, in



the 21st century. Such restrictions, terrible or promising, give rise to ethnographically oriented narratives that revive descriptions, such as the one that was conventionally called multispecies studies. The course should approach these new theoretical imaginations that see the Anthropocene as a kind of driver in contemporary thought. It thus becomes inevitable, for example, to reflect on the assumption of new figures from “Anthropos” and its sciences when now, in the Anthropocene, humans, and non-humans no longer allow themselves to be taken as simply discontinuous among themselves, in their supposed self-evident contours. This corresponds to asking: what science of the appropriately human in the Anthropocene? What is the properly non-human? A passage opens up, albeit a small one, in which one can glimpse the horizon beyond man? The evidence is disconcerted by new and profuse evidence. But which are the signs, of which order? How to forge a discourse capable of articulating them and without molding them to previous and restrictive expectations?

Upsets, twists, twists in habits of thought - these are the chances that moderns come to gather so that, finally (or in the face of contemporary eschatology of “end of the world”), they can take themselves as never having been modern. Did evolutionary theory and geology ever offer the comforting perspectives that were expected of them? Isn't it time to explore the paths of these discourses, prospecting in them not quite an idea of nature but unprecedented potentialities about the living being? What politics of the concept would be drawn from there? Indeed, to speak with Rancière, a new and unexpected “distribution of the sensible.”

When the cosmos and politics are so enmeshed and inextricable with each other, new diplomacies insinuate themselves. It is a work of destabilizing thought and practices towards new provisional stabilizations, drawn from vivid sociotechnical controversies and disputes over narratives, but no less objective. Quite the contrary, we are faced with the election of a neo-objectivity, a neo-realism emerging from the openness of the sciences concerning each other - and even regarding what, by contrast, will be called “non-scientific.”

For their part, archeology, geology, and biology combine prospecting and survey methods to reach consensus or stability in the academic community regarding the set of geochemical markers or signatures of technofossils that make the dating of the new geological era more precise and sufficient. This is what is happening with the work of the International Stratigraphy Commission, an organization of the International Union of Geological Sciences. As for politics, its agency redistributes itself and gains non-human figures in the face of the already explicit invasion of the cosmos in its midst. Nature comes to inspire politics in a way never before conceived by the modern West. Science and politics are now called upon to put themselves in the presence of what they generate or mobilize in the world. They are called to respond responsibly (“response-abilities,” to mention the neologism that Donna Haraway uses) for the imbroglios at the same time human and non-human that can be caught in the courses of action. Henceforth, the moderns will be faced with the imperative to develop an attention to the consequences of their efforts in the world. This is what Stengers (2013) calls “the art of consequences” - a challenge that is certainly unavoidable in the diplomatic transition from the “people of merchandise” (Davi Kopenawa) to the “people of Gaia” (Latour). Rhetorical question: are these passages an option?

Bibliography

Bispo dos Santos, Antonio. *Colonização, quilombos: modos e significações*. Brasília: Ed. Ayó,



2019.

- Canguilhem, Georges “O ser vivo e seu meio”, in: O conhecimento da vida. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- Carneiro da Cunha, Manuela. “Antidomestication in the Amazon: Swidden and its foes”. *HAU: Journal of Ethnographic Theory* 9 (1): 126–136; 2019.
- Catálogo da conferência-dança «Antropocenas » (2017), de João dos Santos Martins e Rita Natálio
- Chakrabarty, Dipesh. “The Climate of History: Four Theses”. *Critical inquiry* 35.2: 197-222; 2009.
- Clastres, Pierre. *A sociedade contra o Estado: pesquisas de antropologia política*. São Paulo: Ed. Ubu, 2017.
- Crutzen, P. J. “Geology of Mankind”. *Nature* 415, 2002.
- Crutzen, P. J. and E. F. Stoermer. “The Anthropocene”. *Global Change Newsletter* 41, 17-18, 2000.
- Cuvier, G. Memória sobre as espécies de elefantes fósseis. In: Evaldo Becker. (Org.). Técnica, Natureza e Ética Socioambiental. 1ed. Aracaju: República do Livro/Discurso Editorial, 2019, v. 1, p. 189-218.
- Danowski, Déborah & Viveiros de Castro, Eduardo. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2014. (p. 85-160)
- Danowski, Déborah. *Negacionismos*. São Paulo: N-1, 2019.
- Darwin, C. A origem das espécies. São Paulo: Ubu, 2018.
- Davis, H.; Turpin, E. (org) (2015). *Art in the Anthropocene - Encounters among aesthetics, Politics, Environments and Epistemologies*, Open Humanities Press.
- Delaporte, François A doença de Chagas. História de uma calamidade continental. Ribeirão Preto: Holos, 2003. (cap. 1)
- Demos, T. J. (2016) *Decolonizing Nature - Contemporary Art and the Politics of Ecology*, Berlin: Sternberg Press.
- Glowczewski, Barbara & et Laurens, Christophe. "Le conflit des existences à l'épreuve du climat, ou l'Anthropocène revu par ceux que l'on préfère mettre à la rue ou au musée". In: Beau, R. & Larrère, C. (eds.) *Penser l'Anthropocène*. Paris: Science Po Les Presses, 2018.
- Hache, Émilie. "Tremblez, tremblez, les sorcières sont de retour! Écrivaines, philosophes, activistes et sorcières écoféministes face au dérèglement climatique". In: Beau, R. & Larrère, C. (eds.) *Penser l'Anthropocène*. Paris: Science Po Les Presses, 2018.
- Hage, Ghassam. *Is Racism an environmental threat?* Cambridge: Polity Press, 2017.
- Haraway, Donna. *Staying With the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Durham: Duke University Press, 2016



- Ingold, Tim. « Par delà biologie et culture. Le sens de l'évolution dans un monde relationnel », in : *Marcher avec les dragons*, Paris : Zones Sensibles, 2013.
- Jacob, François. *A lógica da vida. Uma história da hereditariedade*, Rio de Janeiro: Graal, 1983. (cap. 3).
- Kilomba, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Ed. Cobogó, 2019.
- Kolbert, Elizabet. *A sexta extinção. Uma história não-natural*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.
- Kopenawa, Davi & Albert, Bruce. *A Queda do Céu: Palavras de um Xamã Yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015
- Krenak, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. (+ Posfácio de Viveiros de Castro à edição francesa).
- Larsen, Clark et al. "Bioarchaeology of Neolithic Çatalhöyük reveals fundamental transitions in health, mobility, and lifestyle in early farmers". *Proceedings of the National Academy of Sciences* 116 (26) 12615-12623; 2019.
- Latour, Bruno. *Face à Gaïa. Huit conférences sur le nouveau régime climatique*. Paris, La Découverte, 2015. (Introdução, Primeira, Quarta e Sexta conferências). [tradução em português: Ed. Ubu, 2020]
- Latour, Bruno. *Où atterrir — comment s'orienter en politique*. Paris, La Découverte, 2017. [tradução em português: Ed. Bazar do Tempo, 2020]
- Malthus, T. *An essay on population*, Londres: 1798. (Cap. 1)
- Marenko, Betti. Algorithm Magic: Simondon and Techno-animism. In: Natale, Simone & Pasulka, Diana (eds.). *Believing in Bits: Digital Media and the Supernatural*. Oxford University Press, 2019.
- Mbembe, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: N-1, 2018.
- Mirzoeff, N. (2014). "Visualising the Anthropocene". *Public Culture* 26:2: Duke University Press.
- Povinelli, Elizabeth. *Geontologies: a requiem to late liberalism*. Durham: Duke Press, 2016. (Caps. 1, 2, 3 e 7)
- Rancière, Jacques. *O inconsciente estético*. São Paulo: Editora 34, 2008. (Cap. 2)
- Scott, James. *The art of not being ruled: an anarchist history of upland southeast Asia*. New Haven: Yale University Press, 2009.
- Scott, James C. *Against the Grain: A Deep History of the Earliest States*, Yale University Press, 2017
- Stengers, Isabelle. "Penser à partir du ravage écologique". In: Hache, É. (ed.) *De l'univers clos au monde infini*. Paris, Éditions Déhors, 2014.



- Stengers, Isabelle. "The challenge of ontological politics". In: De la Cadena, M. & Blaser, M. (eds.) *A world of many worlds*. Durham: Duke University Press, 2018.
- Stengers, Isabelle. *Résister au désastre: dialogue avec Marin Schaffner*. Paris: Wildproject. (+ Posfácio de Émilie Hache).
- Tsing, Anna. "Margens indomáveis". *PISEAGRAMA*, Belo Horizonte, número 12, página 02 - 11, 2018.
- Tsing, Anna. *The Mushroom at the End of the World: On the Possibility of Life in Capitalist Ruins*. Princeton, Princeton University Press, 2015
- Van Dooren, T; Kirksey, E.; Münster, U. "Estudos multiespécies: cultivando artes de atentividade". *Incerteza*, ano 3, n.7
- Zalasiewicz, Jan, et al. "The Working Group on the Anthropocene: Summary of evidence and interim recommendations". *Anthropocene* 19: 55-60, 2017.